



Revista **Saúde em Redes** (ISSN 2446-4813), v. 6, Supl. 2 (2020):1-6

O território CONVIDa a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece

DOI: 10.18310/2446-48132020v6n2.3215g484

(Capa: Márcio Mariath Belloc)

EDITORIAL

Um paradoxo civilizatório: a pandemia como desafio ao ensino e trabalho na saúde e como afirmação das vidas

A civilizing paradox: the pandemic as a challenge to health education and work and as an affirmation of lives

Una paradoja civilizatoria: la pandemia como desafío a la enseñanza y al trabajo en salud y como afirmación de las vidas

Introdução

Diante do avanço mundial da pandemia de COVID-19 e a diversidade de respostas dos sistemas de saúde, dos governos e da sociedade nos diferentes países, a Associação Brasileira Rede Unida, por meio da Editora Rede UNIDA, tornou pública a chamada de manuscritos para compor este suplemento temático da revista Saúde em Redes, denominado **“O território CONVIDa a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece”**. A pandemia vem tornando cada vez mais visível uma crise civilizatória e humanitária na qual estávamos envolvidos, mas com visibilidade seletiva e, quase sempre, limitada.

A pandemia explicitou em grande escala a desigualdade, o preconceito e uma ação necropolítica¹ de grandes proporções, onde não apenas certos grupos populacionais são expostos à morte evitável, como também essa ação não gera comoção e, ao contrário, há protagonismo na produção da morte, com conseqüente banalização da vida. No Brasil, particularmente, a negação da gravidade da pandemia e das evidências da ciência e da tecnologia e o imobilismo de ações articuladas nacionalmente são evidentes e completamente explícitos, nas informações oficiais, nas redes sociais, na mídia e no cotidiano. As conseqüências são drásticas: o contágio segue desenfreado, o número de pessoas adoecidas e necessitando de cuidados aumenta vertiginosamente em todo o país, os

sistemas de saúde vão sofrendo progressivamente os efeitos da sobrecarga, e entram em colapso. Enquanto isso, trabalhadores da saúde e das áreas essenciais seguem submetidos triplamente aos efeitos da pandemia: pelas consequências sociais e econômicas da imobilização de uma parte dos serviços regulares, que afetam a todas as pessoas, ainda que de formas bem distintas; pelos riscos físicos e emocionais na atuação nos serviços, sobretudo nos serviços de maior densidade, que atendem pessoas em situação de maior gravidade; e as consequências do assédio e da violência pela condição de trabalho, no contexto das disputas de enunciado sobre a COVID-19, sobretudo os discursos negacionistas. Ao mesmo tempo, as respostas governamentais à pandemia encontram uma desarticulação muito relevante, não apenas organizativa, mas de orientação e formulação de enunciados para sua contextualização.

A crise civilizatória que a pandemia explicitou, entretanto, não se traduz apenas no desleixo governamental com as vidas, que é um desleixo seletivo envolto no gozo de produzir o sofrimento e a morte. Há destruição de políticas públicas, de instituições públicas. A institucionalidade democrática vem sendo rompida há alguns anos, fazendo com que se esgarcem cotidianamente os fundamentos do Estado Democrático de Direito, ou seja, a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político, traduzindo a máxima constitucional de que *todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente*². Quebrada a institucionalidade democrática, tornam-se demasiado abstratos os objetivos fundamentais da República: *construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem,*

*raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*².

Por isso, a imagem de uma Constituição rasgada é marcante e representativa do momento em que vivemos. Essa é uma questão para a sociedade como um todo. Todavia, se esse é o momento agudo, é importante considerar que a Carta Constitucional vem sendo abstrata para diversos segmentos da sociedade desde sua promulgação. A questão aguda, atualmente, é que, mesmo os avanços alcançados nos anos posteriores à sua promulgação, têm sido desfeitos com velocidade impressionante. Aqui queremos destacar os retrocessos em termos das políticas sociais, sobretudo, a saúde e a educação.

As políticas de *desfinanciamento e desinvestimento* em saúde e educação estão associadas a uma maquinaria de ataques à qualidade, à autonomia, às especificidades desses setores, submetendo-os a regras de existência, sobretudo a normas administrativas e burocráticas que, a pretexto de prevenir desvios e corrupção, travam os objetivos finalísticos e, objetivamente, constituem novas formas de esvaziamento da probidade. As normas e as regras organizativas tornaram-se um fim em si mesmas, constituindo saberes e poderes que se projetam sobre a vida e sobre a institucionalidade. O que Foucault³ chamou de “ciência do estado” na origem do estado civil, compondo tecnologias para formar conhecimentos e produzir processos de subjetivação da sociedade, parece retornar perigosamente às vizinhanças das suas origens, com aparelhos de repressão tomando visibilidade e apresentando-se no cotidiano, não mais somente pela estrutura direta do Estado, mas também por uma maquinaria que se espalha por segmentos da sociedade, constituindo institucionalidade e autoridade policial a grupos sobre territórios e grupos sociais - de milícias urbanas a seitas religiosas que associam a fé ao domínio econômico e

político. Disse Foucault que o estado moderno e sua biopolítica nasceu onde não havia potência política e econômica, e exatamente por essas razões³. Na contemporaneidade, o poder sobre a vida vai se associando ao gozo de produzir a morte e o sofrimento, pela necropolítica¹. Na biopolítica, foram sendo construídas formas de resistência. O que virá desses tempos necropolíticos? Que sinais de vida se constituem em resposta diante da morte?

Se o contexto atual, que caracteriza uma crise civilizatória da qual a COVID-19 constituiu visibilidade e expressão aguda, nos fez recordar o passado, também nos faz recordar Brecht⁴: nada é impossível de mudar.

*Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.*

Os retrocessos em termos de políticas de direitos humanos e cidadania são um fenômeno em diversos países, com estratégias e intensidades diversas, apontando uma certa globalidade no esgotamento contemporâneo dos modos de vida e de organização das sociedades. Entretanto, a pandemia gerou efeitos diversos nos diversos locais do mundo. Quando decidimos pelo Suplemento que está sendo publicado, nossa principal motivação foi de que, mesmo nesse contexto, e, em alguma medida, precisamente por conta dele, é oportuno nos debruçarmos sobre as experiências locais. Elas mobilizaram artesanias de resistência, que a vigência do contexto não conseguiu impedir. Sobretudo, elas nos fazem lembrar, como Brecht, que nada é impossível de mudar, que é preciso

desconfiar do que parece natural. É preciso desnaturalizar a aparente normalidade. O Suplemento, além de disseminar narrativas e estudos de enfrentamento à COVID-19, também é manifestação de resistência.

Os territórios, a resistência e a criação das vidas

A chamada de manuscritos para o Suplemento Temático ***“O território CONVIDA a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece”*** da revista Saúde em Redes

A ênfase da temática proposta busca refletir sobre a natureza e a qualidade das respostas à pandemia, tanto na perspectiva do trabalho na saúde e nas demais áreas essenciais, quanto na da educação na saúde, sobretudo em termos das aprendizagens que o trabalho no cotidiano dos territórios foi desencadeando, em termos das formas de cuidado em saúde, de redes de solidariedade, de proteção e defesa de grupos vulnerabilizados e colocados em condições de risco. Aqui interessa muito disseminar modos criativos de organizar o trabalho, de mobilizar resistências e de quebrar o que está instituído, e não tem capacidade de produzir vidas, de defender vidas, de produzir equidade, de reconhecer as condições singulares da necessidade de pessoas e grupos e de mobilizar formas de atender às necessidades que decorrem dessas condições.

Aqui interessa produzir imagens com potência de vidas pulsantes sobre a atenção à saúde, sobre a organização de serviços e implementação de políticas, sobre a educação permanente e o ensino das profissões da saúde. Sobre a relevância de sistemas de políticas públicas com permeabilidade às pessoas e coletividades. Sobre as condições concretas da vida e da produção de saúde de negros, quilombolas, idosos, povos indígenas,

populações ribeirinhas, povos do campo e das florestas, mulheres, pessoas LGBTQ+. Sobre todas as vidas, mas cada uma de forma singular, sem colonialismos e violências físicas ou simbólicas, sem negar as desumanizações que se produzem nesse tempo de crise civilizatória. Queremos que as respostas à COVID-19 sejam narradas com a crueza que têm no cotidiano, mas também com a potência de expressão de outras vidas e da produção de novas saúdes e novos modos de relação.

Nestes tempos de COVID-19, somos capturados, quase irremediavelmente para o ambiente duro da assistência hospitalar especializada, que tem sido exposta dia-a-dia nas notícias e nos boletins sobre os perfis de: infectados / óbitos / curados / testados / isolados... Mas, para além dos muros dos hospitais, e mesmo no seu interior, tem vida vivida e produzida: na solidariedade, cuidado feito no voluntariado, organizações brotando do coração de quem se preocupa e se importa com o outro. Vidas vividas e cuidadas por outras vidas que se importam com aquelas. Trabalhos na saúde e em áreas essenciais que, diante do contexto da pandemia, precisam se reinventar, como trabalho vivo em ato⁵, produzindo novos arranjos tecnológicos e novas aprendizagens, ensinando a atravessar fronteiras⁶ da fragmentação técnica e organizacional do trabalho, da tecnologização do cuidado, da ordem colonialista e da exploração da capacidade produtiva e criativa das pessoas e coletividades.

O território é uma designação ao mesmo tempo genérica e diversa, quando se torna um grande campo de ação comunitária e de resistência! Ele é o espaço onde se distribuem diferentes pontos de atenção à saúde e de apoio à vida de pessoas e coletividades, mas é também uma expressão do *vivido*⁷ das *gentes* que o constituem. O território não é apenas a representação tecno-geográfica com que se costuma representá-lo; é lugar usado e criado. O território é o laboratório das alquimias da vida e da saúde de cada pessoa e coletividade.

É também a expressão estética e artística daqueles que o configuram no cotidiano. Queremos visualizar as alterações e enfrentamentos provocadas nestes territórios, que abrigaram o cuidado com o outro – e que outro é este, refletido no ato vivo do cuidar.

A vida e a saúde, por sua vez, não são abstrações mentais; são direitos permanentes e inalienáveis! Então, vamos dar visibilidade a esta produção de vida, resistência e luta nos territórios diversos e vividos! Que sentidos têm sido produzidos nesses tantos territórios invadidos pelo COVID-19, mas também por práticas cooperativas e solidárias? Que saberes, tecnologias e conhecimentos têm sido acessados nessa diversidade de campos? Que narrativas e sujeitos têm sido constituídos para produzir superações? Queríamos ouvir e ler essas narrativas e elas estão sendo publicadas na medida em que as autorias se mobilizam e os produtos delas chegam à Saúde em Redes. É um chamamento a todos e todas que, por sobre os muros ou nas suas brechas, têm construído um campo comum de lutas, em defesa da vida! Em defesa do SUS! Sobretudo àqueles que se ocupam de pensar nas dimensões cotidianas do trabalho e da educação, que não deixarão desperdiçar essa experiência trágica que a pandemia nos convoca a viver.

O Suplemento, por isso tudo, é também um laboratório. Não apenas dá visibilidade às produções, como também dá passagem às formas de cuidar, de aprender no cotidiano, de proteger as vidas de cada pessoa e coletividade. É o espaço de expressão de diferentes expressões de cultura e de línguas. O chamamento foi multilíngue e as produções, na medida em que for possível, também serão vertidas para que atravessem fronteiras e produzam mundos mais justos, generosos e misturados, sem cair na armadilha da globalização escravizante.

O tempo da pandemia será superado com o desenvolvimento de vacinas e medicamentos, mas é preciso que tenhamos aprendido mais

sobre o cuidado, sobre a proteção das vidas, sobre a humanidade e sobre a dimensão estética da existência. Sobretudo, da inviabilidade de um modelo civilizatório centrado na produção e no consumo de bens materiais, de negligência com a vida e com a natureza, de naturalização das injustiças e de uma democracia esvaziada de *alma*. A pandemia nos faz pensar sobre outras formas de viver, de conviver e de se relacionar com os não humanos. Merhy⁵ diz que a alma do cuidado são as tecnologias relacionais e o trabalho vivo. A alma da democracia também é o padrão ético e político das relações que se estabelecem entre as pessoas, com as diferenças de cada uma e, sobretudo, a aguda intolerância com as injustiças sangrentas, com a confusão organizada para produzir arbitrariedades conscientes e úteis a certos grupos, enfim, com a naturalização da humanidade desumanizada, nos dizeres de Brecht.

Não haverá uma “nova normalidade” como estão pregando porque não queremos aquela normalidade de exclusão, de negação da vida, pois foi essa “normalidade” que produziu a pandemia e que tornou explícito as desigualdades sociais. Essa normalidade que nos conduziu para essa pandemia também poderá nos levar para outras pandemias que virão.⁸ Assim, sem mudanças nas relações sociais, econômicas e políticas não haverá uma nova normalidade.

Boa leitura! Que novos sopros de criação e produção de saúde e justiça social espalhem potência para a produção de conhecimentos e sua inserção, como tecnologias, no cotidiano do trabalho da saúde e da educação.

Alcindo Antônio Ferla, Ardigò Martino,
Emerson Elias Merhy, Gabriel Calazans Baptista,
Júlio Cesar Schweickardt, Maria Augusta Nicoli,
Maria das Graças Alves Pereira, Maria Rocineide Ferreira,
Miguel Ángel Orozco-Valladares, Ricardo Burg Ceccim,
Túlio Batista Franco.
(Editores Associados do Suplemento Temático)

Referências:

¹ Mbembe A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. **Arte & Ensaios**, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro de 2016, p. 122-151. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em 28/05/2020.

²Brasil. Assembleia Nacional Constituinte. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 28/05/2020.

³ Foucault M. **Microfísica do poder**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Graal; 1989.

⁴ Brecht B. **Antologia poética de Bertold Brecht** [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2018/02/07/bertold-brecht-7-livros-para-download-cinco-pecas-uma-antologia-poetica-e-100-poesias/>. Acesso em 01/07/2020.

⁵ MERHY EE. **Saúde**: cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.

⁶ Ceccim RB, Ferla AA. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. educ. saúde** [online]. 2008, vol.6, n.3, pp.443-456. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tes/v6n3/03.pdf>. Acesso em 01/07/2020.

⁷ Santos M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record; 2001.

⁸ Santos, BS. **La cruel pedagogia del vírus**. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

Como citar:

Ferla A, Martino A, Merhy EL, Baptista GC, Schweickardt JC, Nicoli MA, Pereira MGA, Ferreira MR, Orizco-Valadares MA, Ceccim RB, Franco TB. Um paradoxo civilizatório: a pandemia como desafio ao ensino e trabalho na saúde e como afirmação das vidas. **Saúde em Redes**. 2020;6(Supl.2):1-6. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-48132020v6n2.3215g478>

Recebido em: 06/07/2020

Aprovado em: 06/07/2020